



Volume III, número 1, jan-jun, 2022, pág. 8-26

## **Plantão Psicológico na Delegacia de Atendimento à Mulher: a acontecência do cuidado**

### **Psychological Duty at the Women's Service: the event of care**

Darlindo Ferreira de Lima

#### **Resumo**

A presente investigação tem por objetivo compreender os sentidos da prática do plantão psicológico nas Delegacias Especializadas em Violência contra mulher (DEAM). O plantão foi realizado nas DEAM's de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, ambos inseridos como atividades ligadas ao estágio obrigatório do curso de psicologia da Univasf. Nesse contexto, o plantão psicológico, como modalidade da prática psicológica, é aqui tomado a partir de uma leitura fenomenológica existencial. A partir da perspectiva metodológica hermenêutica de Gadamer (2002) e analítica do sentido de Critelli (1996), tomou-se por base a experiência das intervenções do plantão, no período de oito meses, registradas principalmente nos diários de bordo de 07 alunos concluintes do curso de psicologia e do seu professor orientador, como *corpus* dessa pesquisa. Promoveu-se um diálogo com os mesmos, o qual possibilitou a construções de compreensões sobre como se apresenta modalidade prática do plantão. A partir da análise, compreendeu-se que o plantão caracteriza-se por intervenções clínicas de acolhimento por meio da escuta, do cuidado e de ações clínicas não entendidas como técnicas modernas. Visa possibilitar o trânsito daquele que procura o plantão em sua dimensão ôntico-ontológica e suas respectivas apropriações. Visa co-construir espaços de criação de sentido/significados a partir da linguagem como clareira na qual se dá acontecência do cuidado. Apropriar-se do plantão como espaço de mudança parece acrescentar novas formas de se situar frente ao seu próprio existir constituindo outros ethos a partir de sua condição de ser-aí.

**Palavras-chave:** Plantão psicológico; acontecência; cuidado; prática psicológica.

#### **Abstract**

The present investigation aims to understand the meanings of the practice of psychological duty in Police Stations Specialized in Violence against Women (DEAM). The shift was held at DEAM's in Juazeiro-BA and Petrolina-PE, both included as activities linked to the mandatory internship of the psychology course at Univasf. In this context, psychological duty, as a modality of psychological practice, is taken here from an existential phenomenological reading. From Gadamer's (2002) hermeneutic



methodological perspective and Critelli's (1996) analytical perspective, the experience of on-call interventions over a period of eight months was taken as a basis, mainly recorded in the logbooks of 07 graduating students. Psychology course and its advisor professor, as the corpus of this research. A dialogue was promoted with them, which enabled the construction of understandings about how the practical modality of duty is presented. From the analysis, it was understood that the shift is characterized by clinical interventions of reception through listening, care and clinical actions not understood as modern techniques. It aims to enable the transit of those seeking the shift in its ontico-ontological dimension and its respective appropriations. It aims to co-build spaces for the creation of sense/meanings from language as a clearing in which care takes place. Appropriating the shift as a space for change seems to add new ways of situating oneself in front of their own existence, constituting other ethos based on their condition of being-there.

**Keywords:** Psychological duty; event; caution; psychological practice.

## Introdução

A possibilidade de se deparar com a prática, em qualquer profissão, torna-se um dos momentos mais esperados do processo formativo. No âmbito da formação em psicologia, a prática do Plantão Psicológico (PP) vem sendo desenvolvida por inúmeras instituições inseridas no campo da saúde (clínicas escolas, atenção básica, etc.), bem como na área da assistência social (CRAS, CREAS, etc.).

Sousa & Sousa (2011), Scorsolini-Comin, (2015) e Silva *et all* (2020), realizaram levantamentos independentes entre si, tendo como fonte de preocupação a produção científica em bases eletrônicas de dados usando como descritor a palavra “Plantão Psicológico” tendo por base o período que compreendeu a década de 1999 a 2020. Sousa & Sousa (2011) destaca que os dados mostraram o percentual de 71% dos trabalhos tendo como local de realização a região sudeste. Os principais protagonistas institucionais, no âmbito da formação e pesquisa, a Universidade de São Paulo (USP) e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

Silva *et all* (2020) nos indica que independente do contexto em que é realizado a prática do PP se mostra eficiente sobretudo em momentos de emergência e urgência. A diversidade de demandas e locais de atuação se mostram importantes pela indicação da presença de algumas dimensões: acolhimento para os sujeitos em sofrimento; espaço



formativo para os futuros profissionais da psicologia; a centralização nas ações de promoção da saúde, o que facilita o ingresso dos usuários no SUS, em detrimento de uma visão biomédica usualmente realizada na qual se centra na doença de forma reducionista.

### **A prática do Plantão Psicológico: de um saber-fazer a um fazer-saber**

Para Figueiredo (2004), a Psicologia, como campo de conhecimento e espaço profissional, caracteriza-se por uma dispersão teórica e prática, que resguarda certa unidade, sobretudo ao acolher em seu interior uma diversidade teórico-metodológica significativa que, muitas vezes, apresenta-se antagonicamente. Essa diversidade implica também na multiplicidade de perspectivas sobre o conceito de humano, pois num campo dispersivo se torna difícil encontrar parâmetros universais que possam servir de base para teorias e técnicas que norteiem as ações psicológicas.

As práticas psicológicas, na mesma direção que a construção teórica, começaram a se organizar a partir da ideia de um sujeito da razão cujo estatuto fundamental, no âmbito da ciência, seria descobrir os processos e mecanismos subjacentes ao seu existir no mundo para melhor adaptá-lo à vida em sociedade. Essa perspectiva reducionista de ciência e homem poderia ser coerente se não fosse por algumas questões importantes: A prática do psicólogo também se dá como algo em aberto, inacabado, em que essas e outras questões se fazem presentes pedindo respostas. Então, chegamos a pergunta que nos parece fundamental: o que podemos chamar por prática psicológica a partir de uma perspectiva fenomenológica-existencial?

Pensar prática psicológica como um fazer da Psicologia Fenomenológica Existencial diz respeito a inseri-la no âmbito do conhecimento psicológico no qual se estudam os fenômenos a partir do trânsito entre suas dimensões ônticas e ontológicas.

De acordo com Morato (2006), a etimologia da palavra prática vem do grego *práxis*, que remete a passar através, atravessar, ou seja, fazer uma experiência em ação; faz-se a experiência na medida em que a vive, a realiza. A partir disso, podemos compreender a prática como experiência em ação que implica também em reconhecermos sua dimensão de mundaneidade; sua condição ontológica de estar inserida originalmente



no mundo. Essa condição torna-se pré-requisito para o conhecimento e transformação dessa ação, ou seja, um fazer-saber que se dá como experiência no mundo, tendo que lidar com aquilo que o afeta e, ao mesmo tempo, responder a essa afetação como criação, como *poiesis*.

Nesse sentido, podemos entender que a prática (no singular) nos remete a toda ação que se dá a partir da dimensão ontológica do Ser-aí, como abertura que se desoculta, solicitando um agir-sobre, ação que se dá em experiência.

Dessa forma, o psicológico não se constitui como o que está encapsulado no interior dos sujeitos em sua experiência no mundo, diz daquilo que, de alguma forma, vem ao encontro da condição de abertura ontológica do humano e do qual o humano, mesmo sentindo sua presença, não consegue co-responder apenas por meio da representação, do simbólico que possui. A compreensão da prática psicológica pode ser entendida como a ação criativa (singular e, ao mesmo tempo, coletiva) que se apresenta a partir de uma experiência, daquilo que não se encontra no campo exclusivamente das representações.

De acordo com Morato (2006, p.23) “a prática psicológica como ação humana contempla a necessidade do vivido”. Essa afirmativa pode nos servir de bússola para compreender o delinear histórico do Plantão Psicológico como uma modalidade da prática em Psicologia.

O Plantão Psicológico, inicialmente, emerge no contexto brasileiro como modalidade prática do Serviço de Psicologia (SAP – IP-USP). Fortemente influenciado pela perspectiva da Psicologia humanista de Carl Rogers (1902-1987), que trouxe para o campo da Psicologia, e mais especificamente do aconselhamento psicológico, a possibilidade da prática da psicoterapia e do aconselhamento psicológico em si. A psicoterapia esteve mais atrelada à dimensão das questões da saúde e “doença mental”; já o aconselhamento atrelado às dimensões adaptativas do sujeito em sociedade

No âmbito do SAP, a experiência do aconselhamento psicológico, em sua pluralidade, levou-o a ser compreendido como, a partir de uma definição de Morato (1999), região de fronteira, ou seja, “fronteira das práticas que tradicionalmente são



identificadas como clínico-psicológicas e educacionais e fronteiras de recursos teórico-práticos de diversas disciplinas” (Schmidt, 1999, p.97).

Uma das primeiras definições de Plantão Psicológico foi elaborada por Mahfoud (in Schmidt 1999, p.99) que remete à prática do Plantão Psicológico, sendo:

[...] o exercício por profissionais que se mantêm a disposição de quaisquer pessoas que deles necessitem, em períodos de tempo previamente determinados e ininterruptos. Do ponto de vista da instituição, o atendimento de plantão pede uma sistematicidade do serviço oferecido. Do profissional, esse sistema pede uma disponibilidade para se defrontar com o não-planejado e com a possibilidade (nem um pouco remota) de que o encontro com o cliente seja único.

A diversidade de demandas foi caracterizando por ter que lidar com o inesperado, o não-planejado, o que foi se apresentando como uma demanda também para plantonistas, que tiveram que desenvolver habilidades para o encontro (afetivo e afetado) com o cliente. Aqui, ressaltamos que é justamente nesse encontro de afetação com o inesperado da relação com o cliente que o plantonista inicia seu adentrar de forma privilegiada ao campo próprio do fazer do psicólogo.

Nesse sentido, Figueiredo (1993) define, inclusive de forma mais ampla, a profissão do psicólogo como profissional que tem, em sua própria forma de ser no mundo, o seu “instrumento principal”, ou seja, é sendo sua condição de abertura ontológica que o profissional da Psicologia desenvolve novas formas de estar-no-mundo e, com isso, novas possibilidades de subjetivações. Assim, fazer um encontro não é reconhecer o mesmo no diferente, mas antes de tudo, é fundamentar, na diferença, a condição de entrar em contato com um ser si mesmo, que sempre permanecerá como dimensão de mistério para cada um de nós.

Se pensarmos por meio de uma reflexão fenomenológica, podemos sinalizar que o humano diz de um ente como qualquer outro que existe no mundo; por outro lado, no sentido ontológico existencial, este mesmo humano também é abertura, como diz Heidegger um Dasein ou ser-aí. Desta forma, dar-se-á justamente nessa condição que o homem terá que responder aquilo que lhe vem ao encontro.



Portanto, podemos nos aproximar da perspectiva trazida por Morato (2006) na qual se define, operacionalmente, o Plantão Psicológico como uma modalidade prática psicológica do campo do aconselhamento psicológico que se situa como uma forma de atentar para a condição ontológica de cuidar de ser de cada um de nós.

Plantão Psicológico corresponde a uma ação que, em sua matriz, é essencialmente *clínico-investigativa*, pois busca esclarecer junto àquele que sofre uma demanda a partir dele mesmo, na tentativa de abrir possibilidades para que ele **se responsabilize pelo seu próprio cuidado**. É um proceder que, a todo o momento, se coloca em discussão, avaliando o que ocorre a cada encontro entre plantonista e aquele que sofre, para, através dessa avaliação, possibilitar que a demanda apresentada se **esclareça** como necessidade e urgência (Morato, 2006. p. 39).

O plantão foi se constituindo, então, como uma relação que se inicia a partir da procura daqueles que se dirigem à instituição. O plantão enquanto ação pensa o ser-no-mundo como condição existencial, pois viver, labutar, dar sentido às experiências, enfim, o próprio existir, deve ser considerado a partir de uma certo *pathos* diante dessa condição de abertura (*ek-sistere*). O plantão dá-se em um encontro que, sendo espaço de experiência, se constitui tanto como singular como coletivo, tanto ôntico como também ontológico.

O Plantão Psicológico também é entendido como um modo de viver a temporalidade que emerge do/no encontro, isso faz com que compreendamos nossa condição de sermos seres eminentemente relacionais, pois nascemos de/em relação, crescemos em relação, vivemos em relação conosco, com os outros e o mundo, e, ao morrermos, ainda sim, nos relacionamos com a possibilidade de todas as possibilidades (a finitude). A maneira como nos colocamos, sustentando ou não nossa condição de abertura, é que nos faz constituir o que somos em detrimento de todas as outras infinitas possibilidades de sermos. Entretanto, nessa condição do humano, entendido como ser-aí, há uma o cuidado como nossa única tarefa existencial.

Se compreendermos o Plantão Psicológico como uma ação de cuidado, podemos entender que a escuta se faz presente pela *com-versa*, dito de uma outra forma, um versar-



com-o-outro a partir de seu estar-com. Mas toda *com-versa* também é um *com-vergir* (vigir), um estar presente pelo modo próprio da solitudine (ser-com).

Na dimensão da prática, isso ocorre pelo escutar o apelo do Ser a partir do outro humano (Dasein), em um diálogo que transcende ao mero tagarelar sobre coisas ou eventos. Por isso, a escuta como um dos fazeres do plantão se dá em todo momento, desde os primeiros instantes do estar no local da prática, independente do *lócus* em que esse possa se dá, ou seja, se em uma sala, em um corredor, em um pátio, enfim, em qualquer lugar.

Nesse contexto, torna-se compreensível que, como atitude clínica, o plantão se destina à ação de cuidar do homem para que este se destine àquilo que lhe é próprio, cuidar de ser.

De acordo com Lima (2005), a escuta pode ser tomada como dispositivo de cuidado que termina por implicar aquele que fala naquilo que é dito. Esse dispositivo, diferentemente do mero ouvir, ou seja, afetação sonora do que é dito, abre condições para uma outra forma de se relacionar com a linguagem. Não se tem uma escuta sem estar possuído por um dizer próprio que é diferentemente do ouvir. Esse se dá sempre que se tem um falar ainda que esse nada diga. O que parece estar sempre em jogo na escuta é o movimento existencial de abertura àquilo que se dá como apelo: responder à verdade do Ser em um acontecimento-apropriação, em uma vivência de desocultamento da verdade do Ser.

A escuta do plantão recolhe o que está próximo; por isso mesmo, o menos visível e reconhecível; procura clarear a partir do diálogo com vários autores (o mundo, o si mesmo e os outros que o afetam) os sentidos que vão se constituindo na relação. O objetivo, portanto, do plantão no que diz respeito a sua teleologia não é adequar o homem ao mundo, mas, se possível, contribuir para fundar novos mundos (horizontes hermenêuticos) a partir de suas compreensões – uma *poiesis*; Será, portanto, a escuta que compromete o sujeito com relação ao seu sofrimento. A noção de cuidado está justamente nesse modo de cuidar e responder ao mundo que nos chega como abertura (*ek-sistere*), como estar-junto-a, uma forma de pro-cura por sentidos para uma condição não-sentido,



do nada.

### Método

No âmbito da prática psicológica, na modalidade do Plantão, conforme assinalamos em outros momentos desse trabalho, há como inerente a construção do conhecimento a apropriação da **experiência**, em nosso caso também, da experiência de pesquisa.

Dessa forma, o PP corresponde também a uma maneira de construir conhecimento em que é demandada outra abordagem de aproximação com o que chamamos comumente de “realidade”; isto é, uma aproximação mais experiencial, inexoravelmente implicada, em que a promessa da neutralidade, tão importante para perspectivas científicas modernas, termina por perder seu sentido de existir.

Faz-se necessário demarcarmos, como nos afirma Andrade, Morato e Schmidt (2007), a dimensão desse tipo de pesquisa qualitativa que, dentre outras coisas, caracteriza-se por acentuar a dimensão “intrusiva” e modificadora do estar do pesquisador em um campo de relações. Essa presença forma uma espécie de anel recursivo em que tanto pesquisador, quanto campo de intervenção se co-constituem e se modificam mutuamente, dando-se a conhecer a partir de uma experiência singular.

Ao considerarmos que nosso objetivo diz respeito a compreender a prática do PP nas DEAM's de Petrolina e Juazeiro, optamos por tomarmos como matriz metodológica a abordagem qualitativa fenomenológica hermenêutica, alicerçada na proposta fenomenológica de Heidegger (1999) e da Hermenêutica filosófica de Gadamer (1999).

De acordo com Stake (2011, p.30), há um diferencial fundamental entre uma pesquisa qualitativa e quantitativa que se encontra no lugar ocupado pelo pesquisador em relação à constituição do conhecimento sobre os fenômenos, ou dito de outra forma, “os métodos de pesquisa qualitativa são embasados na compreensão experiencial”.

Para Heidegger (1999), não há possibilidade de uma intencionalidade da consciência posto que o homem e mundo são co-originários. Dessa forma, a noção de Fenomenologia se centralizará nas estruturas ontológicas do humano como Dasein.



Assim, tratamos a construção dos conceitos de compreensão e diálogo desenvolvidos por Gadamer para situarmos essa investigação como um encontro que possibilita uma fusão de horizontes entre nós e aqueles que participaram dessa experiência chamada PP nas DEAM's .

A experiência pela linguagem permite que essa se constitua como relação fundamental na qual nos deparamos com as coisas e os outros Daseins que nos vêm ao encontro no mundo. Portanto, a ênfase na constituição do conhecimento do homem no mundo, aqui mais especificamente no âmbito da pesquisa, não se dá sob a égide de algo externo ao processo de experiência no mundo.

**A sistemática de atendimento do PP** foi constituída pelo encaminhamento por parte dos profissionais da delegacia e das demandas das mulheres diretamente para o plantão nosso propósito desde o início foi de criar um espaço de escuta/acolhimento para as mulheres em situação de violência.

Entre ações desenvolvidas no PP destacamos: Atendimento individual às mulheres que sofram violência; Atendimento de casal e família; Pequenas palestras intituladas: “Enquanto isso na sala de espera”; Acompanhamento à rede de apoio; Escuta/acolhimento das queixas; Acompanhamento de audiências dos homens acusados de agredir as mulheres Conjuntamente com as delegadas; Atendimento aos profissionais da DEAM;

Os colaboradores da pesquisa foram 07 alunos que cursavam a disciplina de Estágio Profissionalizante no curso de psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Esta disciplina se encontra dividida em Estágio I e II respectivamente no último ano do curso.

Faz-se necessário ressaltar que todos os atores que aceitaram fazer parte desse estudo, tiveram seus nomes modificados por questões de sigilo, tendo que assinar um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) a fim de tornarem-se cientes do que tratava a pesquisa, bem como posterior publicação das informações obtidas para fins de estudo, resguardados todos os demais princípios contidos na resolução 510/16 do Ministério da Saúde.



O *corpus* dessa pesquisa será composto por um conjunto diversificado de fontes de informações. Os procedimentos de colheita de informações se deram da seguinte forma: **1) - Participação nas atividades do Plantão e ações realizadas pelos alunos** (Atendimento individual às mulheres que sofreram violência; Atendimento de casal e família; Pequenas palestras; Escuta/acolhimento das queixas; Acompanhamento de audiências dos homens acusados de agredir mulheres; Atendimento aos profissionais da DEAM); **2) - Supervisão de apoio psicológico.**

No que diz respeito aos instrumentos, foram utilizados na colheita das informações os seguintes: a) Diários de bordo dos alunos; b) Anotações das observações de campo; c) Anotações das supervisões;

A **análise dos achados da pesquisa** se deu a partir da proposta metodológica Hermenêutica de Gadamer (1999) e da fenomenológica da *Analítica do Sentido* proposta por Critelli (1996). Essa autora, propõe como orientação fundamental para a compreensão dos fenômenos, conhecer fundamentalmente o que constitui o próprio “olhar do pesquisador”, dito de outra forma, “a analítica do sentido põe em andamento o que ela mesma tem que compreender... o movimento fenomênico do aparecer, o movimento de realização do real e o movimento de objetivação desse mesmo real” (Critelli, 1996, p. 135).

A partir da proposta acima de descrição, compreensão e interpretação dos fenômenos pela Critelli (1996), tomamos as anotações de campo como um registro de nossa experiência da prática do plantão.

Assim, procuramos realizar a construção de um panorama das atividades do PP desenvolvido nas DEAMs de Petrolina e Juazeiro, como possibilidade de compreensão de nossa experiência nesse serviço, articulando-a com as experiências dos alunos estagiários (diários de bordo e anotações de campo). Deu-se, por fim, um diálogo com autores que fundamentam a prática do plantão a partir da perspectiva da Psicologia clínica fenomenológica existencial, sendo construído um texto final.

## **Resultados e Discussão**



A análise da prática do plantão deu-se como uma experiência única e indissociável, porém, para nos ajudar na comunicação da mesma, iremos trabalhar duas temáticas que emergiram como pontos convergentes da fusão de horizontes, ou seja, em nossa interpretação foram se delineando três dimensões do plantão: Uma planta grande: um *éthos* na acontecência do cuidado.

### **Plantão como uma planta grande: um *éthos* na acontecência do cuidado**

A dinâmica de muitos diários de bordo apontou para uma questão que se fez presente em praticamente em todos os registros: a experiência de solidão, principalmente para aquelas mulheres que sofreram violência doméstica. Entretanto, para os funcionários da DEAM também apareceu a solidão de ter que lidar com a violência cotidiana, registrando, atuando, deparando-se com o que os afetava profundamente, mesmo que já estivessem acostumados com as queixas que lhe chegaram todos os dias.

Para os plantonistas, houve também essa dimensão da solidão, mesmo quando atuavam em grupo. Entretanto, considerando-se a noção de humano a partir da perspectiva heideggeriana, compreendemos que podemos até viver como solitários, porém não somos sozinhos. Nossa forma de estar-no-mundo é sempre *confiada*, ou seja, faz parte de nossa condição ontológica a co-pertinência com outros Dasein.

Aqui se instaura a necessidade de olharmos, no sentido de tentar constituir um sentido para a experiência de Plantão Psicológico na DEAM, de dialogarmos com essa modalidade da práxis do psicólogo a partir de uma leitura dessa experiência ética compartilhada.

Há um sentimento de impotência intenso na experiência do plantão na DEAM possivelmente pelo atravessamento do fenômeno da violência como algo explícito e, ao mesmo tempo, tácito, algo insistentemente presente no cotidiano do plantão. Entender os sentidos dessa impotência possui fundamentalmente duas dimensões: uma fática, que se expressa em muitos casos pelas cicatrizes no corpo físico (olho roxo, braço quebrado, rosto arranhado, etc.); e outra da finitude, por meio da vivência de uma angústia dilacerante que pode também encurtar os horizontes de significação e sentido como



possibilidade.

Contudo, será justamente essa angústia o “combustível” mobilizador para que possamos nos apropriar de nossa condição de ser humano; o que pode nos fazer mover diante dela contribui para que nos façamos em outro lugar para lidar com o sofrimento advindo dessa situação de violência. Os depoimentos dos plantonistas em situação de atendimento nos leva a compreender que os envolvidos, no contexto institucional, e mais especificamente no PP, buscam um “lugar” que em possam abrigar novos sentidos para aquilo que se experiência ali. De qualquer maneira, seja menos envolvido ou mais envolvido, há um laço invisível que obriga a todos que transitam na DEAM procurar outro lugar, outra morada; ou, dito de outro modo, um novo *ethos* no lidar com essa experiência. A experiência do plantão não se dá em um laboratório hermeticamente fechado, ou mesmo de forma solícipicista, encontra-se em um contexto sociocultural que a permeia e a atravessa, conferindo-lhe contornos e possibilidades como o já instituído, o acabado, como aquilo que já é.

O segundo Heidegger (1991; 2001; 2002) sinaliza esse contexto como a *Era da técnica*, na qual a forma de ser-no-mundo é constituída principalmente pela ênfase no pensamento calculante. Esse pensamento como forma de habitar o mundo parece contribuir para uma “desumanização” do homem naquilo que este é enquanto condição ontológica, a saber: abertura, ser-aí. Antes, porém, de continuarmos questionando o lugar desse plantão na dimensão da técnica, compreendemos ser necessário clarearmos o que chamamos por plantão como experiência ética.

De acordo com Bondia (2002), a palavra experiência advém do *latim experiri* que implica em provar, em experimentar. Possui o radical *periri* que também se encontra na palavra *periculum* ou perigoso. Em *grego* remete a ideia de passagem, travessia. Já em *alemão*, está relacionada a *erfahrung* que diz de viajar ou por em perigo. De uma forma mais sucinta, a etimologia da palavra nos remete a perspectiva de experiência como “*a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente existe de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente*” (p.25).



A compreensão de experiência, a partir dessa perspectiva, vai se aproximando da forma de como essa se relaciona com a noção de conhecimento, uma forma de conhecer que “*se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que acontece*” (p.27). O saber da experiência se aproxima da palavra *alethéia* (desvelamento) para os gregos. A experiência como forma de desvelamento e recolhimento no movimento de desvelar-se nos leva na existência a ocupar um lugar como “produção” de sentido no mundo, mesmo que, em muitos casos, haja um não-sentido como esse lugar.

A partir dessa compreensão de experiência, qual seria o lugar que o PP ocupa para quem faz o plantão na DEAM? O Plantão Psicológico em nossa experiência compreende uma forma de relação que se dá como acontecência, como um abrigo, um *ethos* do cuidar que não se propõe nada mais do que uma experiência de apropriação de nossa condição existencial de constituir sentido e significados às nossas vivências, inclusive aquelas relacionadas à violência contra mulher cotidianamente encontrada nas DEAM’s.

O plantão pode também ser visto como na metáfora de uma planta grande, que diante de um escaldante sol, de uma falta de húmus e vida, possibilita a oportunidade de reunir-se a si mesmo com-o-outro-no-mundo. A acontecência do plantão implica a ênfase na dimensão de experiência, de um saber que nos atravessa tacitamente mas não como acontecimento acabado. Acontecência do plantão nos fala dessa condição ética de abertura contínua à experiência do Ser e à linguagem como morada desse ser, ou seja, no plantão na DEAM, não temos o controle ou a técnica na qual FAZEMOS uma experiência, mas sim como plantonistas, colocamo-nos em um modo ético de abertura para que POSSA SE DAR UMA EXPERIÊNCIA ou não.

Dessa forma, não compete ao plantão ser confundido com uma triagem, ou qualquer outra técnica moderna que vise à adaptação daquele que o procura ao mundo. A dimensão fundamental do plantão parece apontar para sua condição de poder promover trânsito entre o ôntico/ontológico para esse humano, fazendo com que se re-encontre com sua liberdade como questão fundamental.

Conforme nos diz Oliveira (2006) “*o fazer do plantonista reside no encontro que*



*se estabelece entre ele e aqueles que o procuram*” (p. 72), esse encontro não se dá pela nossa experiência como mansidão, mesmo que demande do plantonista uma passividade-ativa para em um estando reservado acolher o que lhe chega.

Para os plantonistas acolher o que lhes chega passou pela dimensão de estranhamento, inquietude, essa angústia que reside em uma relação como acontecimento que foi, em muitos momentos, colocada como não perceptível. De acordo com Pompéia & Sapienza (2004) “permitir-se à experiência é terapêutico”, pois “terapia é a procura, via *poiesis*, pela verdade que liberta para a dedicação ao sentido” (169). Aos poucos, os plantonistas foram se dando conta de que o PP na DEAM se perfaz em toda relação, que se estabelece com e na instituição, pela escuta atenciosa e um diálogo há uma busca em acolher e questionar os sentidos constituídos a partir de uma demanda de mal-estar e/ou sofrimento, seja das mulheres ou dos próprios atores institucionais ali envolvidos (policiais).

Assim, como uma ação que se dá como errância e lugar híbrido, a prática do plantão foi se constituindo como um *ethos*, que se constitui como possibilidade de abrigo propiciador de relações de confiança por meio de práticas institucionais. Compreendemos que não há um lugar confiável para o humano em seu estar no mundo, sobretudo quando lidados com relações que envolvem a violência como desumanização do humano, mas há relações de confiança, como no plantão, nas quais a entrega ao aberto da relação nos faz encontrar outras dimensões da experiência que promovem bem-estar, mas que não acessamos no cotidiano quando envoltos em um pensamento objetificante.

O PP procura dispor um espaço de escuta, cuidado, interrogação e discussão das questões pertinentes aos atores sociais envolvidos na instituição ou em determinado cenário social, considerando a multiplicidade de aspectos envolvidos no cotidiano dos sujeitos sociais, visando resgatar e construir recursos para promoção de condições de bem-estar (Braga, 2009, p. 77). O plantão como modalidade da prática psicológica parece criar a possibilidade de estabelecer outras formas de relação em que o plantonista se torna uma testemunha, co-partícipe, da experiência do outro. Na travessia perigosa dessa experiência, este humano que, em situação de urgência com seu sofrimento, pode



também se abrir para manter contato com seu ser-aí.

Nessa polifonia dialógica, o dizer, dizendo-se, faz-se fala por uma apropriação de sua condição de finitude. Nesse momento de apropriação entre sua condição de ser-aí humano e o contato com o incontornável (Ser), nascem os sentidos para sua existência, rumos e destinação para as afetações enquanto ser-no-mundo que vão se dando em contornos (sentidos e significados), ao mesmo passo em que se desfazem na mesma medida.

Portanto, podemos dizer que, no PP na DEAM, o usuário, os policiais e os próprios plantonistas, fazem uma experiência a partir da linguagem, tomam-se na linguagem, um clarear para suas afetações enquanto sofrimento. O plantonista na ação de abrir-se como disposição ética de acolher o incontornável da angústia, pode constituir uma relação como clareira para um desvelamento do outro na linguagem própria de ser, visto que não controlando, mas, principalmente, abrindo-se à outridade na relação, faz emergir o que há muito pede passagem como desvelamento.

Assim, o dizer é mais que o mero falar no plantão, é um habitar eticamente o mundo. O dizer se faz, no sentido heideggeriano, como um *logos*, ou seja, um acolher, recolher, o ser-si-mesmo-no-mundo-com-os-outros por meio da experiência de impotência frente à violência. Dessa forma, o plantonista busca o sentido de sua prática no vigor da acontecência do plantão.

## Conclusões

Inicialmente, a primeira compreensão que o trabalho nos leva a constituir aponta para a impossibilidade de se possuir um sentido único para a prática do plantão psicológico; paradoxal e complementarmente, o plantão se torna presente por meio de sua singularidade e, ao mesmo tempo, pluralidade.

A singularidade/plural dos sentidos para a prática acontece no envolvimento por inteiro daqueles que ocupam o lugar de plantonistas, o que remete aos limites e possibilidades dados por cada relação específica. A perspectiva de trânsito no plantão, parece-nos, encontra respaldo na medida em foi possível pensar, a partir do segundo



Heidegger, a existência de um peso maior na dimensão dessa modalidade da prática como clareira, na qual o Ser se desvela. Isso nos levou a ter que considerar o *locus* do plantão também como elemento constitutivo desse contexto, sobretudo por sua importância na dimensão ontológica que mantemos com o fenômeno da violência.

O estar plantonista na DEAM parece suscitar um modo de existir no qual se entra em contato com a angústia existencial. Essa pode ser vivida, na maior parte do tempo, como sentimento de impotência. A angústia se torna, nesse contexto, uma espécie de combustível fundamental para possibilitar nos abirmos à relação e, concomitantemente, promover nossa entrega na busca por novas formas de estar no mundo (*ethos*) com aqueles que sofreram

O fazer-saber do plantão passou a ser compreendido como práxis, à luz da contribuição do segundo Heidegger, pois se pode dar como acontecimento de apropriação, ou *Ereignis*. Esse acontecimento se constitui no momento em que o Ser se desvela para aquele(a) que procura o plantão como acontecimento do sentido. Dessa forma, o plantão se torna o espaço no qual é possível um clarear hermenêutico a partir da emergência de outros sentidos e significados. Entender essa modalidade da prática psicológica implica em deixar-se experienciar no mundo tal qual ele nos vem ao encontro, dito de outra forma, deixar-se colocar ativamente em situação de acolher o mundo que se desvela, tal qual um raio caindo em nossa cabeça.

O plantão psicológico, portanto, emerge como experiência que se coloca como uma das vias de enfrentamento da violência contra a mulher, ao mesmo tempo em que se mostra como espaço da acontecimento do cuidado. Há um esgotamento dos modelos de relação nas DEAMs quanto à assistência para as mulheres em situação de vulnerabilidade e o plantão tem-se mostrado como alternativa psicossocial a ser utilizada para que o novo possa emergir nesse contexto institucional. Dialogicamente, o novo pode se constituir pela intervenção do plantão com sentido próprio, ou seja, como fruto de uma fusão de horizontes compreensivos nos quais se configuram novas formas de estar no mundo, com os outros e com nós mesmos.



No plantão há tudo novo de novo. O reincidente diz da dimensão da prática psicológica, um estar lançado no trânsito entre as dimensões do ôntico e do ontológico em nosso existir. Já o novo está na *poiésis* em que nos colocamos, na saga do mostrar-se próprio.

### Referências

- Andrade, A. N.; Morato, H. T. P., & Schmidt, M. S. (2007). Pesquisa interventiva em instituição: etnografia, cartografia e genealogia. In Rodrigues, M. M. P. & Menandro, P. R. M.. (Orgs.). **Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em Psicologia**. 1ª ed. Editora GM, v. 1, pp. 193-206.
- Bondía, J. L. (2002, abril) Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In **Revista Brasileira de Educação**, n 19, 20-28.( <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003> )
- Braga, T. B. M. (2009) **Supervisão de Supervisão: grande angular fenomenológica na cartografia de práticas clínicas em contextos institucionais e comunitários**. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. ([https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-20012011-105803/publico/braga\\_do1.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-20012011-105803/publico/braga_do1.pdf)).
- Critelli, D.M. (1996) **Análítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. EDUC:Brasiliense. (<http://www4.pucsp.br/educ/livro?id=85> )
- Heidegger, M. (1991). **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Editora Moraes. (<https://www.estantevirtual.com.br/livros/martin-heidegger/carta-sobre-o-humanismo/2477067766> )
- Heidegger, M. (1999) **Ser e tempo. Volume I**, Vozes. (<http://vozes.com.br/> )
- Heidegger, M. (2001) **Serenidade**. Instituto Piaget. (<http://www.ipiageteditora.com/> )
- Heidegger, M. (2002) **Ensaio e conferências**. Vozes. (<http://vozes.com.br/> )
- Figueiredo, L. C. M. (1993) Sob o signo da multiplicidade. In **Estudos de Psicologia**. V.10,n.1,p,11-19.
- Figueiredo, L. C. M (2004). **Revisitando as Psicologias**. Da Epistemologia à ética



- das práticas e discursos psicológicos. 3ª.Edição, Vozes. . (<http://vozes.com.br/>)
- Gadamer, H.G. (1999) **Verdade e Método I**. Tradução Flávio Paulo Meuer. 3ª edição. Petrópolis : Vozes. (<http://vozes.com.br/>)
- Lima, D. F. (2005). **Compreendendo os sentidos da escuta**. Olinda: Livro Rápido. (<https://livrorapido.com.br/>)
- Morato, H. T. P. (Org.) (1999) **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: Novos desafios**. Casa do Psicólogo.
- Morato, H. T. P. (2006). Pedido, Queixa e demanda no Plantão Psicológico: querer, poder ou precisar. In: **VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição - Psicologia e Políticas Públicas**, Vitória - Espírito Santo. ANAIS VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição - Psicologia e Políticas Públicas. Vitória - Espírito Santo: UFES, v. 1, 38-43.
- Oliveira, M. M. (2006) **Clínica, experiência e sentido: narrativas de plantonistas**. São Paulo: USP. Dissertação de (Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-25092006-150414/publico/dissertodrigooliveira.pdf>
- Pompéia, J. A. & Sapienza, B. T. (2004) **Na presença do sentido: Uma questão fenomenológica a questões existências básicas**. EDUCA; Paulos.
- Schmidt, M. S. (1999) Aconselhamento Psicológico e Instituição: Algumas considerações sobre o serviço de aconselhamento psicológico do IPUSP. In Morato, H. T. P. (Org.). **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: novos desafios**. Casa do Psicólogo.
- Scorsolini-Comin (2015), Plantão Psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. **Psico-USF**, 20 (1), jan-abril. (<https://www.scielo.br/j/pusf/a/G7sNXfF8hfZfJFSxZTZHCnR/?lang=pt&format=pdf>)
- Silva *et al* (2020). Um encontro com o inesperado no plantão psicológico: uma revisão sistemática. In **Revista em Saúde**, v.1, n.1. <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/saudefaceg/article/view/6925/3573>)
- Stake, R. E. (2011) **Pesquisa qualitativa: Estudando como as coisas funcionam**.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X



**UFAM**

Tradução Karla Reis, Penso.

**Recebido: 06/12/2021 Aceito: 13/12/2021**

**Autor:**

**Darlindo Ferreira Lima**

Professor Associado do Curso de Saúde Coletiva – CAV – UFPe. E-mail: [darlindo.lima@ufpe.br](mailto:darlindo.lima@ufpe.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3376-3560>.